## Meditações: 24º domingo do Tempo Comum (Ano A)

Reflexão para meditar no 24º domingo do Tempo Comum (Ano A). Os temas propostos são: Deus liquida a nossa dívida na Confissão; Perdoar, ato libertador; O mais divino na vida do cristão.

- Deus liquida a nossa dívida na Confissão
- Perdoar, ato libertador
- O mais divino na vida do cristão

JESUS contou certa vez a história de um rei que quis ajustar as contas com os seus servos (cfr. Mt 18, 23-35). Trouxeram-lhe então um que lhe devia dez mil talentos. Era de um valor exorbitante, diríamos hoje em dia que é uma dívida mais própria de uma grande empresa do que de uma pessoa. Como não tinha como devolver o valor, o Senhor ordenou que se fizesse o que era habitual na época nesses casos: "que fosse vendido como escravo, junto com a mulher e os filhos e tudo o que possuía, para que pagasse a dívida". O servo então lançou-se a seus pés e lhe suplicava: "Dá-me um prazo! e eu te pagarei tudo". O senhor, compadecido daquele servo, mandou soltá-lo e perdoou-lhe a dívida.

O servo havia pedido simplesmente mais tempo para devolver a quantia emprestada. No entanto, sua atitude havia conseguido mover o coração do rei. Ele não se limitou a prorrogar

o tempo, mas perdoou todas as suas dívidas. Podemos imaginar que os ouvintes da parábola ficaram desconcertados. Pois bem, algo tão real como essa história acontece cada vez que recebemos o sacramento da Reconciliação, embora a dívida seja muito grande. Quando confessamos nossos pecados "Deus nos perdoa, esquece todo o mal que fizemos. Alguém comentou: É a doença de Deus'. Não tem memória, é capaz de perder a memória nestes casos. Deus perde a memória das histórias más de tantos pecadores, dos nossos pecados. Perdoa-nos e segue em frente"[1].

Era praticamente impossível que aquele servo pudesse devolver a quantia emprestada: apenas um gesto de piedade como o do rei podia liberá-lo. Por nossas próprias obras também não poderíamos *saldar* a dívida que temos com o Senhor por nossos pecados. Não só pela

importância das ações cometidas, mas por ser Deus quem é. O Senhor, de qualquer forma, concede-nos, gratuitamente, o seu perdão através da Confissão, e nos libera de tudo o que possa afastar-nos dele. Essa é a medida divina do seu amor. A Igreja recomenda, por isso, recorrer a esse sacramento regularmente, pois "ajuda a formar a consciência, a lutar contra nossas más tendências, a deixar-nos curar por Cristo, a progredir na vida do Espírito. Recebendo mais frequentemente, por meio deste sacramento, o dom da misericórdia do Pai, somos levados a ser misericordiosos como ele"[2].

QUANDO aquele servo saiu da presença do rei encontrou um companheiro que lhe devia cem denários. Não era uma quantia tão pequena – o salário correspondente a

três meses de trabalho - mas insignificante comparada com a que o seu senhor tinha lhe perdoado. Quando aquele homem lançou-se a seus pés e lhe pediu um pouco mais de tempo, o servo negou-se a conceder-lhe uma nova prorrogação: mandou que o colocassem no cárcere até que pagasse a dívida. Seus companheiros, presenciando tudo, ficaram indignados e contaram ao rei o que tinha acontecido. Este, vendo a dureza de coração de seu súdito, "mandou jogá-lo na prisão, até que pagasse o que devia" (Mt 18, 34).

Perdoar o próximo é um ato libertador no qual o primeiro beneficiado é a própria pessoa. Se aquele servo tivesse perdoado a dívida, haveria uma dupla alegria: a de seu companheiro, porque já não teria que devolver nada; e a dele, pois poderia continuar desfrutando da sua liberdade. Pelo contrário, viase agora encarcerado e obrigado a

devolver uma importância exorbitante. De modo análogo, quando perdoamos alguém, livramonos de um possível rancor e ódio no coração e abraçamos a paz e a alegria que Deus nos oferece. "Suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos mutuamente, se um tiver queixa contra o outro – escrevia São Paulo – que a paz de Cristo reine em vossos corações" (Col 3, 13-15).

SÃO JOSEMARÍA afirmou certa vez que a coisa mais divina na vida dos cristãos é perdoar aqueles que os prejudicaram. O próprio Deus se fez homem precisamente para perdoar os pecados de todos os homens. Por isso, podemos dizer que "nada nos assemelha tanto a Deus como estar dispostos ao perdão".

Na maior parte das vezes esse perdão será mais por conflitos pequenos e próprios da vida cotidiana: uma reação desagradável, uma brincadeira fora de hora, um malentendido, um esquecimento, etc. Muitas vezes, não se sabe quem deveria perdoar ou quem deveria pedir perdão. Outras vezes, pelo contrário, não há muitas dúvidas. Tanto num caso como no outro, é bom considerar, como sugere o prelado do Opus Dei, que "um sincero gesto de petição de perdão é, muitas vezes, a única maneira de restabelecer a harmonia no

relacionamento, embora pensemos – com ou sem razão – que nós fomos a parte mais ofendida"<sup>[5]</sup>.

Uma das últimas frases que o Senhor pronunciou antes de morrer foi, precisamente, de perdão aos que o tinham crucificado. E podemos imaginar que a Virgem Maria, ao ouvir essas palavras, estendeu também o seu perdão àquelas pessoas. "O Coração dulcíssimo de Maria deve ter sofrido muito ao presenciar aquela crueldade coletiva, aquele encarniçamento que foi, da parte dos verdugos a Paixão e Morte de Jesus. Mas Maria não fala. Como seu Filho, ama, cala e perdoa. Essa é a força do amor"[6].

\_ Francisco, Homilia, 17/03/2020.

<sup>&</sup>lt;sup>[2]</sup> Catecismo da Igreja Católica, n. 1458.

- \_ São Josemaría, *Caminho*, n. 452.
- São João Crisóstomo, *Comment. In Matthaeum*, Homilia XIX, n. 7: PG 57, 283.
- Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 8.
- \_\_ São Josemaría, *Amigos de Deus*, n. 237.

pdf | Documento gerado automaticamente de <u>https://opusdei.org/pt-br/meditation/meditacoes-24o-domingo-do-tempo-comum-ano-a/</u> (29/10/2025)